

# O ROTACISMO EM FINAL DE SÍLABA

Mariana Norberto Palma Giordani\*

**RESUMO:** Este artigo visa a apresentar os resultados de pesquisa realizada sobre o rotacismo como marca regional de São Tiago (MG), local que compõe o percurso trilhado pelos bandeirantes.

**Palavras-chave:** rotacismo, variação fônica, filologia bandeirante.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a descrever e explicar o processo de substituição do fonema [l] pelo fonema [r] em final de sílaba, independentemente de sua posição na palavra. Esse tema despertou interesse por causa da complexidade e da variabilidade do fonema [r], observadas ao longo do levantamento de dados. Aqui, o fenômeno do rotacismo será entendido e analisado como o movimento da língua na boca que faz com que ocorra a quase alveolarização do som. Uma vez que possuem como diferença nos traços distintivos apenas a oposição lateral / vibrante, os fonemas [r] e [l] são facilmente confundidos e trocados um pelo outro. Ambos fazem parte do português oral e não-padrão colhido em amostras de fala do Projeto Filologia Bandeirante da Universidade de São Paulo, juntamente com as Universidades Federais de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

---

\* Universidade de São Paulo (Graduação).

A amostra analisada compõe-se de quarenta e sete minutos e foi colhida na cidade de São Tiago, Minas Gerais, pelos pesquisadores Ângela Cecília de Souza Rodrigues, Sílvia de Almeida Toledo Neto e Heitor Megale, em 2000, quando a informante contava com oitenta e seis anos de idade. Durante esses minutos de gravação, foram encontradas dezoito ocorrências do rotacismo, que seguem citadas para melhor compreensão das observações a que se pôde chegar.

1. ... era uma horta só (pausa) era um *quintaL* só né...
2. ... era a horta du *cafezaL* né...
3. ... intão tem um *pessuaŷ* qui mexi cum criação...
4. ... a Lurdís gostava mais (pausa) mais *sociaL* né (pausa)...
5. ... melhorô (pausa) pela *dificu\_dade* qui tinha (pausa)...
6. ... ordenô onzi di *abril* (pausa) i morreu onzi di agostu...
7. ... eli saiu i nãu *voLtô* (pausa) [*incompreensível*] quand'ela foi...
8. ... aconteceu *aŷguma* coisa cum Zé Augustu...
9. ... queimá u braçu né (pausa) mais *geraLmente* era quasi toda ...
10. ... ondi é u cimitériu *atuaL* né (pausa) lá era a mata...
11. ... a Lurdís gostava muito di trabalho *manual* sabi (pausa)...
12. ... tivi assim *dificu\_dade* sabi...
13. ... tá mais na moda agora é u *saŷgadin* ca bibida né...
14. ... aquilu foi crescenu sabi *u\_timamenti* aqui nessa casa...
15. ... mais é *difici\_* né a genti acostumá sozinha...
16. ... nu princípio foi *dificiL* (pausa) companhia...
17. ... tá prucuranu u Zé Ogustu tem *quaŷqué* coisa cum eli...
18. ... mais *voŷtanu* sobri u padri Jusé (pausa)...

Para a transcrição do *corpus*, foi utilizado o alfabeto latino com o fim de facilitar e agilizar a leitura. Para marcar o fonema /r/ é usado o símbolo [O], sendo que sua pronúncia pela falante é quase

alveolar. Para marcar o fonema /l/, será usada a letra L em maiúsculo, do alfabeto latino tradicional. Na amostra, esse fonema é semi-vocalizado em [w]. Por fim, para marcar o apagamento, é usado um traço de *underline*, como no exemplo: [u\_timamente].

## 2. O ROTACISMO

Ao analisar os aspectos arcaicos da língua portuguesa para fundamentar historicamente hipóteses levantadas no decorrer do trabalho, foi possível observar que o fenômeno de rotacismo surgiu depois da mudança do latim para o português, pois pesquisando o léxico latino clássico<sup>1</sup>, nenhuma palavra do presente *corpus* foi encontrada com variante em [r]. Como exemplo pode-se opor “pessoar” e *personalis* (latim), “arguma” e *alia una* (latim), “sargadin” e *salso* (latim) e por fim, “vortano” e *volvere* (latim). Outra observação nesse ponto é que, ao operar com o tempo aparente, o fenômeno é transportado para a década de 40, do século XX; porém, como já foi dito, existem documentos do século XVIII em que consta o fenômeno do rotacismo. Assim, não se sabe exatamente quando nem onde o uso das variantes começou, mas está representado na escrita anteriormente a 1800.

Amaral (1955), Almeida (2000) e Mattos e Silva (1989) trataram do assunto. Porém, somente Almeida e Amaral apresentam o rotacismo em final de sílaba. O estudo de Mattos e Silva restringe-se à posição medial silábica. Almeida também é o único dos três que se baseia em dados fonológicos reais. A parte de seu trabalho referente à linguagem atual em Cuiabá foi toda analisada a partir de entrevistas feitas com pessoas nativas da região, sendo que tanto Amaral quanto Mattos e Silva fundamentaram os estudos em material escrito. Almeida também buscou dados escritos do século

<sup>1</sup> Agradeço ao Professor de Língua Latina da FFLCH-USP, Homero Osvaldo Machado Nogueira, pela orientação e esclarecimento que orientaram minhas buscas.

XVIII com a finalidade de estabelecer contraponto com os dados de língua falada que gravou.

Por tais motivos, o arcaísmo não foi suficiente para responder às questões levantadas pela análise do *corpus*. Foi necessário recorrer a outros meios, principalmente os ligados ao contexto em que esses usos ocorrem, para desvendar os mistérios do rotacismo. Comparando e combinando as diferentes realizações do fenômeno estudado ao longo do *corpus*, foi possível chegar a alguns indícios de regras gerais que o regem. É preciso salientar que as conclusões deste trabalho estão mais relacionadas aos critérios que interferem de forma direta na análise do *corpus* do que aos fenômenos em si. Por se tratar de uma pequena amostra, é difícil generalizar as observações aqui feitas, a não ser quando se diz que contexto anterior e posterior são imprescindíveis para chegar a fatos ou, ainda, que classe de palavras é critério irrelevante de observação para esse fenômeno. Além disso, com apenas uma informante, somente os dados históricos e intralingüísticos podem ser discutidos, ao passo que os aspectos sociolingüísticos como nível econômico, grau de escolaridade, região de origem ou faixa etária foram totalmente excluídos desta análise. Esses fatores já estão pressupostos no próprio Projeto Filologia Bandeirante, que trabalhou somente nas regiões das trilhas bandeirantes, com falantes idosos e, de preferência, analfabetos, com baixa ou nula mobilidade geográfica.

De um modo geral, a realização do fonema [l] apareceu em aproximadamente 50% do *corpus*, o que corresponde a 9 dos 18 casos estudados. Os outros 50% foram divididos entre a realização do fonema [r], com 28% do *corpus* ou 5 dados; e o apagamento, com 22% dos casos ou 4 realizações.

A permanência do fonema [l] pode ser explicada por meio da tonicidade da palavra. Porém, é preciso deixar claro que esse critério não se aplica a todos os dados. São 6 realizações de [l] em tônicas, 2 em pretônicas e 1 em postônica. Já dos 7 casos de tônicas encontrados, apenas uma rotacização foi observada, ou seja, em

85,7% do *corpus*, a pronúncia dita padrão prevaleceu. Pode-se, assim, dizer que a tônica favorece a permanência do fonema.

A troca de [l] pelo fonema [r] está mais ligada ao critério do contexto posterior, pois, excluindo apenas o dado que tem por consoante seguinte o fonema [t], todos os outros casos foram realizados em posições anteriores a [g] e [k]. Isso implica dizer que o ponto de articulação de [r], [g] e [k] possui aspectos em comum, ou seja, os contextos posteriores [g] ou [k] influenciam diretamente na escolha da variante [r]. Os dados de números 3, 8, 13 e 17 confirmam e exemplificam a questão.

Quanto ao apagamento, um critério que parece favorecer sua ocorrência é ter por contexto anterior o fonema [u]. Como, no português do Brasil, normalmente o fonema [l] é pronunciado como [w], o primeiro anularia o segundo, eliminando sua necessidade. Essa variante não é observável em sílabas tônicas e também não aparece quando o contexto posterior é uma pausa, pois é preciso completar o espaço vazio com alguma manifestação fônica, seja para planejar o que está falando e ganhar tempo na reflexão, seja para não interromper bruscamente o final da palavra coincidente com o final do discurso. Pode-se comprovar essa hipótese com a frase 6 da já citada amostra [... ordenô onzi di *abril* (pausa)].

### 3. CONCLUSÃO

Pode-se dizer que pouco se estudou sobre as verdadeiras razões pelas quais o rotacismo ocorre, principalmente no dialeto caipira e rural. Neste trabalho, discutiu-se o processamento do rotacismo e seus possíveis desdobramentos para aprofundar os estudos. Para tanto, a expansão do número de informantes, escolhidos segundo critérios sociolingüísticos, aliada a uma amostragem buscada em diferentes regiões do Brasil parece ser o caminho a ser trilhado.

## BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ALMEIDA, M. M. S. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. São Paulo, 2000. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MATTOS E SILVA, R. M. *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MEGALE, H. Filologia Bandeirante. In: *Itinerários*. Araraquara, 1998.

**ABSTRACT:** This article intends to present the results of a research carried through about the rotacism as a regional feature from São Tiago (MG), a village that is included in the path followed by the Bandeirantes.

**Keywords:** rotacism, phonetic variation, bandeirante philology.